

DESAFIOS METODOLÓGICOS NA PESQUISA DERRIDIANA

Giovana dos Passos Colling¹

“Eu deveria ter precisado que o que acontece, acontece desconstruindo-se. Não sou eu que desconstruo, é a experiência de um mundo, de uma cultura, de uma tradição filosófica [...] há qualquer coisa que se está a desconstruir e é preciso responder-lhe” (DERRIDA, 2006, p. 135). A desconstrução não é um método, mas sim, o que acontece de-sedimentando estruturas por dentro delas mesmas. A partir dessa noção derridiana é que se insere nosso trabalho ao debater a desconstrução enquanto estratégia discursiva na constituição de uma pesquisa em comunicação. Elaboramos a noção de escritura e desconstrução em Derrida a fim de, por meio desses princípios teóricos, formular uma abordagem metodológica condizente. Derrida (2013), para demonstrar a suplantação da escritura pela linguagem, recorre à desconstrução como estratégia que desarticula a noção vigente. O autor realiza um movimento que procura nas entrelinhas pressupostos para suas inferências, ainda que não vise fixar uma nova definição, afinal, o fluxo de alterações é contínuo e criar novos dualismos não era sua proposta. O autor realiza essa argumentação partindo dos próprios conceitos, que se inflam e implodem, demonstrando a sua própria limitação. Os textos - escritos e fenômenos do mundo - estão em permanente desconstrução e, assim, somente partindo deles que se pode notar este movimento. Aos textos cabe demonstrar o jogo de estruturação e desestruturação de suas lógicas. Por este motivo, em nossos trabalhos buscamos observar esse jogo em funcionamento em uma escritura específica, a postal (na monografia) e a literária (na dissertação em andamento). Apresentaremos o percurso de nossos trabalhos operando a partir de uma perspectiva da desconstrução: abordando o próprio texto e realizando um mapeamento dos conceitos, para com eles mesmos demonstrarmos a de-sedimentação em movimento. A desconstrução, além de um princípio teórico, nos serve enquanto uma estratégia discursiva, por meio da textualidade que evidenciamos o jogo posto: “temos sim, que trabalhá-las (desconstruí-las) para abalá-las e produzir outras formas de linguagem, de escritura e, por que não? De comunicação” (GARCÍA MASIP, 2014, p. 30). Por esse motivo, é imprescindível

1 Mestranda em Comunicação (PPGCOM/ UFRGS), graduada em Comunicação Social – hab. Publicidade e Propaganda (UFRGS), sob a orientação de Alexandre Rocha da Silva. Bolsista Capes. E-mail: giovanacolling@gmail.com

operar com as textualidades, colocando em diálogo o referencial teórico e os objetos empíricos escolhidos. Na percurso analítico exploramos, em simultâneo, as sedificações de aspectos em sua forma "tradicional" e/ou de senso comum, e suas desconstruções pela própria prática textual. Tomando como exemplo o termo clássico autoria, podemos notar uma dicotomia autor/leitor, que desmontamos por meio da práxis textual dos postais selecionados. Os próprios objetos nos ajudam a perceber as dicotomias que por ora evidenciam a preponderância de um conceito, por outra priorizam outro, corroborando para a percepção do movimento da desconstrução. Não há uma conceitualidade exata, os objetos nos fazem ver esse jogo conceitual e criar novas formas de abordar noções teóricas. A desconstrução está em constante operação em todas as escrituras, e é por meio da escrita que podemos evidenciar a sua existência. A desconstrução é um princípio que nos permite entrever a violência originária a que estão sujeitos estes conceitos e, também, o que possibilita pensar 'fora' de determinadas lógicas.

Palavras-chave: Desconstrução; Escrita; Metodologia.

Referências

- DERRIDA, Jacques.** *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
DERRIDA, Jacques. *O gosto do Segredo*. Portugal: Fim de Seculo, 2006.
GARCÍA MASIP, Fernando. *Comunicação e Desconstrução: o conceito de comunicação a partir de Jacques Derrida*. Salvador: EDUFBA, 2014.